

ENCONTROS REFLEXIVOS SOBRE FORMAÇÃO¹

Entrevistas com:

JACQUES ANDRÉ, RENÉ ROUSSILLON, OTTO KERNBERG E STEFANO BOLOGNINI

Formação em Psicanálise é um tema recorrente, não só devido a complexidade que lhe é inerente, mas também por estar sempre sendo atualizado com o ingresso de novos membros filiados para formação. Estes, muitas vezes, chegam ao Instituto de Psicanálise da SBPSP reconhecendo as qualidades da formação oferecida, mas sem ter se dedicado a aprofundar os fundamentos que permeiam este caminho.

Com um propósito essencialmente reflexivo, mas também informativo, criou-se um espaço para pensar as questões da formação: análise didática, supervisões, seminários teoricoclínicos, relatórios dentro dos diversos modelos de formação oferecidos, buscando com isso estimular nos membros filiados uma maior responsabilidade frente a algo que lhes diz respeito diretamente e que os acompanhará ao longo de toda vida psicanalítica.

Com esse objetivo a Associação dos Membros Filiados da SBPSP, pela sua diretoria científica, proporcionou mensalmente os “Encontros reflexivos sobre formação”, para um maior diálogo com todos os membros filiados. Além disso, foram feitas entrevistas com os psicanalistas Jacques André (França), René Roussillon (França), Otto Kernberg (Estados Unidos); todos analistas que estiveram em São Paulo participando de conferências e seminários clínicos na SBPSP e, ainda, Stefano Bolognini (Itália), que foi entrevistado em Bogotá durante o Congresso da Fepal em 2010.

Os entrevistados foram escolhidos por representarem diferentes sociedades ligadas a IPA que trabalham com diferentes modelos de formação. Nas entrevistas falaram de temas relativos a formação e psicanálise em geral e sobre os diversos modelos de formação psicanalítica existentes na IPA, considerando especialmente a análise didática e as supervisões; a história de reflexão da IPA sobre este tema; a relação/posição entre os futuros analistas (atuais membros filiados ou candidatos) e os demais membros do corpo societário da IPA e, principalmente, apresentaram suas reflexões pessoais a respeito destes temas e do futuro da instituição IPA.

Pensar sobre diferentes modelos é extremamente enriquecedor, pois permite ampliar o pensamento psicanalítico e a visão que cada um possa formar da

1 Projeto idealizado por Maria do Carmo Meirelles Davids do Amaral e executado pela Associação dos Membros Filiados (MF) do Instituto de Psicanálise da SBPSP.

Maria do Carmo Meirelles Davids do Amaral é membro filiado do Instituto da SBPSP, diretora científica da Associação dos Membros Filiados (AMF), representante da AMF na Comissão de Ensino da SBPSP.

Instituição. Agradecemos a todos os entrevistados que gentilmente se dispuseram a conversar conosco. Foram entrevistas muito agradáveis, com importantes informações sobre as múltiplas maneiras de ensinar e exercer psicanálise, com espaço para que cada um apresentasse seu estilo: a clareza de Jacques André; o delicado lembrar de Roussillon; a determinação de Kernberg e a ampla visão de Bolognini, que neste momento está concorrendo ao cargo de presidente da IPA.

As entrevistas serão apresentadas na ordem cronológica em que foram feitas.

Jacques André²

Associação MF – Gostaríamos de conversar sobre formação em psicanálise. Nosso interesse é conhecer mais sobre o modelo da *Association Psychoanalytique Française* (APF) à qual pertence. Quais seriam as diferenças do modelo francês com o modelo *Eintington*, utilizado na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo?

Jacques André – A grande diferença entre esses modelos de formação é a questão da análise didática. A APF funda-se na ruptura da fidelidade a Lacan, da submissão a Lacan por pessoas que em sua maioria saem do divã de Lacan. Laplanche, Pontalis, Widlöcher, Anzieu, todos vêm do divã de Lacan. O único desse grupo inicial que não vem do divã de Lacan é o Granoff que vai desempenhar um papel decisivo na ruptura com Lacan, porque é mais livre, não é paciente dele e é também um pouco mais velho. A ruptura com Lacan não se faz em função da teoria, mas em função da prática, de uma prática que diz respeito à análise didática. Lacan decide diminuir o tempo das sessões, porque havia uma grande demanda por supervisão. As duas coisas estão ligadas, ele diminui o tempo das sessões para poder cada vez mais ter controle sobre as pessoas, supervisionando inclusive alguns pacientes. Essa é uma prática muito difundida no meio lacaniano: o analista tornar-se supervisor do seu paciente. Muitos lacanianos fazem isso, mas nem todos, pois para alguns isso é inaceitável.

Lacan formula explicitamente que os únicos que são verdadeiros analistas são os didatas e, a rigor, uma análise se transformará inevitavelmente em uma análise

2 Entrevista realizada em 28.8.2009, por Maria do Carmo Meirelles Davids do Amaral, membro filiado do Instituto da SBPSP, Michael Harald Achatz, membro filiado do Instituto da SBPSP e Eliana Rache, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise e membro da diretoria científica da SBPSP.

Jacques André é psicanalista, membro da Associação Psicanalítica da França (APF), filiada à *International Psychoanalytical Association* (IPA). Professor de psicopatologia da Universidade de Paris 7 – Denis Diderot. Diretor do *Centre d'Etudes em Psychopathologie* (CEPP). Publicou vários livros entre eles destacamos: *As origens femininas da Sexualidade*; *100 Mots de la psychanalyse* (coleção *Que sais-je?*); *O esquecimento do pai*, além de inúmeros artigos psicanalíticos.

didática. Isso quer dizer que o paciente se tornará analista. Lacan generaliza dizendo que todos os analisandos se transformarão em analistas. Mas essa é uma posição pessoal de Lacan, e não uma concepção da Instituição. Logo, o mais didata de todos é Lacan. Havia um domínio considerável sobre o pensamento dos outros, sendo Lacan o analista, o supervisor, além de receber pacientes em seus seminários. Isso gerou um grande desgaste na instituição. Era preciso resguardar a continuidade das sessões, o tempo das análises, a transferência, para manter-se uma prática psicanalítica e a liberdade de pensamento. É essa a questão da APF em relação à formação – a integridade da análise didática – que leva à ruptura com Lacan e funda a APF em 1963.

Associação MF – Como tornar-se analista da APF ?

Jacques André – Esta é a questão fundamental! Para vir a ser psicanalista da APF, primeiro deve-se contatar a APF por e-mail ou correio, enviar uma carta de motivação e depois ser recebido para entrevista por três psicanalistas que se reportarão ao Comitê de Formação. Este, após um debate e estando todos de acordo, decidirá se a pessoa será ou não aceita como candidata. Quase todos os que se candidatam estão em análise quando entram para a formação, mas essa não é uma condição imperativa.

Associação MF – Quais são os critérios para que se aceite um candidato ?

Jacques André – Evidentemente os critérios não são claramente enunciáveis, mas fundamentalmente: examina-se o caráter analítico do entrevistado; ou seja, pode-se pensar que ele efetivamente fez análise? Qual foi a mudança psíquica? Como o candidato pode falar de si mesmo de tal modo que se possa perceber que a análise o mudou?

Um primeiro ponto é: Será que ele tem um pensamento analítico de sua própria análise ? Nós não pedimos que ele conte sua análise, ninguém pode fazer isso. Mas queremos testemunhos das mudanças que a análise introduziu. Ter alguma ideia do que se passou naquela análise. O que é verdadeiramente um acontecimento da análise?

Um segundo pensamento é: No fundo consideramos que essa pessoa pode tornar-se um analista? Percebemos que ele tem escuta? As duas questões são com certeza inseparáveis. Mas não é porque alguém fez análise, fez verdadeiramente uma análise, que imaginamos que ele poderá ser analista. Não é a mesma questão, mas duas questões diferentes que são inseparáveis.

Em relação à análise tem-se como critério a possibilidade de ser aceito na APF mesmo não tendo vindo de um divã da IPA ou da APF. É essa a diferença com a SPP (Société Psychanalytique de Paris) – na SPP pode-se vir de um divã que não seja da

SPP, mas deverá ser da IPA. Pode ser um divã lacaniano, pode ser um desconhecido, apesar de não ser frequente. Antes não era assim, mas hoje é.

Associação MF – Então, não é a análise que importa, mas sim o resultado da análise.

Jacques André – Sim, o movimento da análise, poder perceber que a análise deixou sua marca de movimento psíquico em alguém. Em relação à questão do número de sessões, não existem critérios definidos. Entretanto, se existe alguém que fez uma análise de duas sessões por semana, em sessões de quinze minutos, há pequena possibilidade de ser aceita, porque a ideia é que a análise é uma questão de tempo. Em relação às supervisões dos candidatos é necessário fazer dois controles individuais sucessivos de supervisão, com dois pacientes e dois supervisores diferentes, com duração mínima de três anos cada um, com a frequência de três sessões semanais. Após cada supervisão há um controle de validação. E há também os seminários. É uma formação contínua que dura muito tempo, pelo menos dez anos, entre o momento de ingresso e aquele em que somos eleitos membros. Dez anos é um tempo curto; isso ocorre mais frequentemente entre doze ou treze anos.

Associação MF – Existe um relatório de supervisões como aqui na SBPSP?

Jacques André – Não, a “monografia” ou *mémoire* é unicamente para tornar-se membro. As avaliações de supervisões são validadas quando se puder testemunhar os movimentos transferenciais e os aspectos contratransferenciais da análise, mostrando haver uma suficiente distância do analista para poder reconhecer os movimentos da análise. A contratransferência é entendida como a possibilidade de ser pego pelo seu próprio inconsciente. Minha primeira avaliação foi ao final de dois anos com o primeiro paciente e de três anos com o segundo.

Associação MF – Como se dá a validação da supervisão ?

Jacques André – Na APF é inteiramente oral. O candidato é recebido por três analistas titulares, fala da análise e são feitas algumas perguntas. É uma reunião de mais ou menos uma hora e meia, depois, o supervisor é recebido pelo comitê de formação por mais meia hora para dar sua opinião sobre essa análise. O comitê de formação decidirá se haverá ou não a validação do controle. Tudo é oral, mesmo na segunda avaliação.

Associação MF – Qual é o motivo de ser tudo oral?

Jacques André – Para que o momento da validação seja tão analítico quanto possível, seja verdadeiramente um elemento de análise. Essa é a diferença com um

relatório escrito, que evidentemente introduz outros tipos de comunicação. A APF é diferente da SPP, por ser completamente oral.

Associação MF – Se a supervisão não for validada, haverá nova chance? Deverá a supervisão ser feita com outro paciente?

Jacques André – Depende, não é obrigatório. Às vezes, há uma decisão intermediária, sugerimos que o analista reapresente o caso depois de um tempo para nova avaliação e, sim, poderá ser com o mesmo supervisor e paciente.

Associação MF – O Sr. havia mencionado uma crítica em relação à análise didática.

Jacques André – A ideia é simples e forte, é a ideia que se faz da análise. Para que possa haver uma análise não pode haver *représentations but*, expressão de Laplanche. Isso quer dizer que se a análise fixou um objetivo, ainda mais por um terceiro institucional, como no caso da análise didática, existe algo que prejudica a liberdade do empreendimento analítico, que é o não sabermos por que fazemos análise. Com certeza, sempre temos motivos e razões, mas no fundo não sabemos o verdadeiro motivo pelo qual procuramos a análise. A meta determina algo que vai contra o desconhecido da análise, contra a abertura da análise e isso tem que ser verdadeiro para qualquer análise.

Associação MF – E os candidatos que fazem análise, que querem ser analistas, eles também tem uma *représentation but*. E se isso não fizer parte da análise?

Jacques André – Isso não é um problema, é um sintoma como qualquer outro, nesse momento isto não é inoportuno. Fui ver minha analista, que era Joyce McDougall, e disse a ela que eu tinha problemas na minha vida, mas não tinha mais a preocupação em vir a ser analista. Para mim isso era vivido como exterior à análise. Ao mesmo tempo eu tinha esse pensamento, eu desejava virar analista! Este é um problema tão analisável como todos os outros.

Associação MF – Mas no caso da análise didática ele não pode ser analisado livremente.

Jacques André – Por definição isso faz parte de uma realidade periférica, então é alguma coisa que é colocada fora da própria análise, da qual ela não pode livremente se apossar. Isso quer dizer que por estar em uma zona limite também do analista, ele não poderá perguntar, mas a didática o faz pensar em que? É uma zona evidentemente inconsciente, onde isso não poderá ser tocado. Não pode ser analisado, é um ponto cego que funciona na verdade como um dado de realidade.

Associação MF – Um objetivo que é imposto.

Jacques André – A ideia é que podemos fazer só o que for possível sustentar sob um ponto de vista psicanalítico. Eu não conheço nenhum só texto psicanalítico que justifique analiticamente a didática. Se houver gostaria de lê-lo!

Associação MF – Como é o dialogo entre a APF e as outras sociedades da IPA?

Jacques André – É uma polêmica constante, permanente, para poder impor nosso modelo de formação. Não para impô-lo aos outros, nós não temos esse desejo. Os outros é que querem nos impor o modelo deles. Nós lutamos para não sermos jogados para fora da IPA. Somos reconhecidos suficientemente. Há algo que é reconhecido, sem ser reconhecido, é apenas tolerado. E isso mesmo sendo Widlöcher ex-presidente da IPA e membro da APF! A APF tem uma existência significativa em função da qualidade das pessoas que a representam, pessoas importantes como Pontalis, Anzieu, Widlöcher. Não somos numerosos. Há um reconhecimento intelectual e analítico, mas temos oponentes violentos com certeza. Podemos pensar, será que a IPA pode determinar para você quais serão os vários modelos de formação?

Associação MF – Isso é interessante, porque nos Estados Unidos a IPA aceitou pessoas que vêm de diferentes formações psicológicas.

Jacques André – Nos Estados Unidos também existe um problema complicado que é o problema judiciário e financeiro. Os Institutos de Psicanálise americanos sempre tiveram medo que um processo caísse nas costas deles. Isso complica tudo. Houve um processo que custou uma fortuna à IPA e que levou ao aumento de nossas contribuições. A questão foi a seguinte: alguém que não era médico foi recusado, processou a IPA e ganhou.

Associação MF – Uma curiosidade, qual é o valor pago pelos candidatos por uma sessão de análise em Paris ?

Jacques André – Paga-se mais ou menos cinquenta ou sessenta euros por sessão. E aqui, quanto se paga ?

Associação MF – Muito mais..., e para a análise dos membros em formação, há a obrigatoriedade de quatro sessões por semana.

Jacques André – Muito, muito caro! E por quatro sessões semanais!!!

Associação MF – Gostaríamos de saber a respeito da transferência entre analisandos, analistas e instituição.

Jacques André – Há um jogo de poderes. Certa vez alguém, que era muito próximo de Granoff, disse que os candidatos da instituição têm necessidade de

transferência com a própria Instituição e que a análise didática seria a produtora de uma transferência que unifica e reúne as pessoas. Não sei se ele mesmo estava convencido dessa ideia. Isso me parece tão anti-analítico quanto possível. Esta é uma argumentação inaceitável. De qualquer modo as supervisões são igualmente relações transferenciais. E há transferência sobre figuras que são importantes, fiz meu controle de supervisão com o Pontalis que virou amigo meu. Bom, eu tenho uma transferência com Pontalis é claro, mas isso não terá que me influenciar em nada, mas poderá ser revivido como qualquer outra experiência de vida.

Associação MF – Existe subdivisões entre os membros?

Jacques André – Na APF existem duas subdivisões: membro associado e membro efetivo. Todos podem dar seminários. Para ser associado é preciso ter feito uma “mémoire”. Para se tornar membro efetivo deverá primeiro ser avaliado por três membros efetivos e depois receber um voto positivo do Comitê de membros efetivos.

Associação MF – Aqui somente os didatas podem fazer supervisão ou dar seminários clínicos.

Jacques André – Então é a didática da didática!

Associação MF – Os psicanalistas na França trabalham também fora dos consultórios com a comunidade, em instituições ?

Jacques André – Sim, isso é escolha de cada analista e quase todos o fazem, mas a APF não tem nenhum controle sobre isso.

René Roussillon³

Associação MF – Poderia nos falar sobre sua experiência pessoal, primeiro como psicanalista em formação e depois na função de docente?

René Roussillon – Antes de começar, é necessário dizer que eu era muito jovem quando iniciei minha formação de psicanalista. Tinha menos de trinta anos e fiz uma formação muito curta, dois anos e meio. Não é uma experiência habitual,

3 Entrevista realizada em 28.10.2009 por Maria do Carmo Meirelles Davids do Amaral e Michael Harald Achatz. René Roussillon é analista didata da Sociedade Psicanalítica de Paris SPP, presidente do Grupo de Analistas de Lyon, docente da Universidade de Lyon 2. Recebeu o premio M. Bouvet por seu livro *Paradoxes et situations limites de la psychanalyse* (1991). Trabalha no desenvolvimento de conceitos de Freud anteriores a 1920, relacionando-os às noções introduzidas em “Mais além do princípio do prazer”. Seus interlocutores ao trabalhar as ideias de Winnicott na França são D. Anzieu, Pontalis e Green.

comum, é uma experiência particular, pois eu já tinha um caminho percorrido, uma tese de doutorado sobre as questões da psicanálise. Portanto, quando iniciei a formação já tinha lido todos os grandes teóricos da psicanálise, além de Melanie Klein e Winnicott que começava, mas ainda não era traduzido. Iniciei minha formação com pessoas com muito conhecimento teórico. Eu já tinha a prática de cinco, seis anos como psicoterapeuta, com um difícil trabalho em setor psiquiátrico de hospital dia.

Era um hospital dia na *Cité*, um centro de consultas e de tratamento de pacientes *borderline*, psicóticos. Passei vinte anos neste centro, mas logo tive pacientes que queriam fazer análise e assim comecei a formação. Naquela época, quando morávamos em Lyon era necessário fazer pelo menos uma supervisão em Paris. Eu fiz com Jean Luc Donnais, durante um ano e meio aproximadamente. Fiz a supervisão em Lyon e depois mais um ano e meio em Paris! Fiz muita supervisão, mas foi bom, pois me fazia pensar muito, refletir bastante. Eu tinha que fazer assim, pois era jovem e apaixonado... aos 45 anos não seria a mesma coisa, haveria muito mais resistência, e menos submissão!

Associação MF – A supervisão era de apenas um caso?

René Roussillon – Sim, somente um caso. Fiz a análise em Paris. Então, toda essa formação não durou muito tempo. Neste momento havia na Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) três grupos: os membros filiados, os membros associados e os membros efetivos. Isso não é mais assim.

Associação MF – Na época a divisão entre as sociedades psicanalíticas francesas já havia ocorrido? Qual o motivo de sua escolha pela SPP?

René Roussillon – Sim, a separação aconteceu em 1963 ou 1964. Eu cheguei em 1978. Em Lyon eu tinha um emprego na universidade onde havia um professor que era psicanalista da SPP.⁴ Lá a SPP era a sociedade dominante, era vista como mais organizada. Isso tudo foi importante para mim, pois sentia-me livre!

Associação MF – Com quem fez análise? A qual sociedade ele pertencia?

René Roussillon – Com Anzieu da APF, Associação Psicanalítica Francesa.

4 A SPP, Sociedade Psicanalítica de Paris, é a sociedade mais antiga da França, reconhecida pela IPA. Uma cisão, em 1954, deu origem à Sociedade Francesa de Psicanálise, com a liderança de Lacan. A cisão aconteceu em função de um poder exacerbado de Lacan, que atendia seus pacientes no divã, mas também em supervisão, além de dar os seminários. Com isso, ditatorialmente impunha seu pensamento a toda Sociedade. Uma nova cisão, dez anos depois, e surgiu a APF, Associação Psicanalítica Francesa. Esta foi reconhecida pela IPA, com a condição de que a análise didática não fosse feita por ex analisandos de Lacan.

Associação MF – Então ele era de outra sociedade...

René Roussillon – Quando me inscrevi em Lyon, a SPP iniciava um Instituto também em Lyon, e assim fui admitido em Paris e Lyon ao mesmo tempo. A análise deveria ser feita com um membro que fosse da IPA. Este é o único critério para ser aceito na SPP, análise com um membro ligado a sociedades da IPA.

Associação MF – O critério é estar fazendo ou já ter feito análise?

René Roussillon – É necessário ter avançado muito na análise. Nós podemos já ter terminado, mas é necessário que haja um número bom e contínuo de anos de análise.

Existia o grupo dos afiliados e depois o grupo dos associados, estes já inseridos nos grupos de seminários, muito dinâmico. Os melhores se candidatavam para serem formadores. Como eu já tinha escrito muito, me disseram que não valia a pena solicitar para ser membro filiado, que seria tempo perdido, e sugeriram que eu já passasse a membro associado. Assim fiz uma formação muito curta... virei associado muito rápido. Pulei uma etapa. Essa é a minha tragédia...

Associação MF – Quanto tempo durou sua análise? Ela acompanhou a formação?

René Roussillon – Foram seis, sete anos, antes e durante a formação. Quando terminei a análise havia praticamente terminado a formação.

Associação MF – E com quem deveria ser feita a análise?

René Roussillon – Na época a análise deveria ser feita com um membro titular-formador. Em Lyon havia poucos membros formadores, muitas pessoas iam a Paris e com isso perdíamos muitos possíveis candidatos, porque era muito caro, tomava tempo, era necessário pegar trem... Vivíamos em cidades pequenas da *Provence*. Muitos preferiam ir à busca de outros formadores. Esta circunstância levou a pensar que seria necessário abolir essa regra, que de fato foi abolida.

Associação MF – O Sr. percebeu alguma vantagem em fazer análise com alguém fora da SPP?

René Roussillon – Eu não escolhi Anzieu por causa disso. Escolhi Anzieu porque estava fazendo uma formação em psicodrama, em uma organização da qual ele se ocupava. Nessa época meu pai ficou gravemente doente e depois veio a falecer. Elaborei sua morte no psicodrama sendo interpretado por Anzieu. Comecei colocando-o no papel de meu pai ao desenvolver os jogos de cena do psicodrama. Eu gostava do modo como ele trabalhava, não tinha motivos para não continuar com ele. E assim comecei a análise. Depois percebi a vantagem de sentir-me livre. Isto foi

algo muito importante para mim. Estar livre, livre para pensar, livre para trabalhar com os pacientes.

Vejo colegas que se preocupam muito se pertencem a essa ou aquela sociedade. Valorizam só a SPP. Para mim o importante é a psicanálise bem feita. Se outros são lacanianos e podemos trabalhar bem juntos, que bom!

Associação MF – Como foi sua experiência trabalhando primeiro com psicoterapia e depois com psicanálise, isso o ajudou na clínica?

René Roussillon – Isto faz parte da minha postura livre. Considero que a psicanálise é uma psicoterapia e que a oposição psicanálise/ psicoterapia não é uma boa oposição. Para mim a boa posição é a da psicoterapia fundada na análise. Eu sempre trabalhei seguindo um modelo de psicoterapia fundada na psicanálise. Quando fiz minha análise e minha formação, eu evolui, mas permanecendo absolutamente na mesma linha. Não fiz assim: faço psicoterapia, agora paro e faço psicanálise. Continuei a fazer o que eu fazia, e tentei fazer sempre melhor, sabendo que eu viria a ser um psicanalista oficialmente reconhecido como tal.

Associação MF – Então o Sr. não vê uma diferenciação entre a psicoterapia psicanalítica e a psicanálise ?

René Roussillon – Talvez existam pessoas que as considerem muito diferentes. Eu, na prática, trabalho de modo muito parecido. A ideia é que eu crie ou proponha um dispositivo que me pareça o melhor para aquela pessoa, sempre num trabalho psicanalítico. Se o divã traz intolerâncias, faço sem divã. Trabalho três vezes por semana, quatro vezes por semana. Se o divã é melhor, posso ter pessoas deitadas sobre o divã trabalhando uma ou duas vezes por semana. Para mim o que importa é pensar qual será o melhor dispositivo para que este paciente faça seu trabalho interior. Se é estar na minha frente, está bem; se é estar deitado, assim o fazemos. De qualquer maneira, estou convencido que trabalhar com quatro sessões por semana não é a mesma coisa que somente com uma sessão semanal. Isto deve-se ao fato de que o paciente não se comprometerá da mesma maneira se o virmos todos os dias ou uma vez por semana. Existem muitas diferenças no processo, mas não me parece interessante falar dessas diferenças. Outro ponto importante, penso que isso seria como enviar uma mensagem sem sentido à sociedade: dizer que a psicanálise não é uma psicoterapia para tratamento. A psicanálise intelectual para os estudantes de filosofia está diminuindo cada vez mais. Isto acabou. Não tem mais sentido! A pessoa vem à análise porque nós as tratamos. É isso que temos a oferecer. Considero algo a pensar que a psicanálise não é uma psicoterapia. Um vértice que repousa sobre uma má compreensão de Freud. A melhor estratégia para tratar é seguir o mais rigorosamente possível a atitude psicanalítica. Se fizermos algo diferente isso não será

psicoterapia – será fazer uma psicanálise ruim. Essa não é a posição majoritária na França, mas é a minha posição.

Associação MF – O Sr. considera que sua postura quanto à psicanálise está alicerçada na sua experiência clínica com pacientes considerados difíceis?

René Roussillon – Com certeza. Quando estava no hospital dia tinha pacientes psicóticos e vivi situações, por exemplo, quando precisei segurar uma paciente porque ela queria passar pela janela. Havia pacientes que não suportavam não estarem escondidos debaixo da mesa! Eram pacientes psicóticos. A situação era a seguinte: ou eu aplicava o que eu tinha aprendido na minha formação psicanalítica – e com esses pacientes isso não funcionava – ou então tentava algo que achava que poderia ser eficaz com essas pessoas. Nesses momentos, entretanto, sempre pensei que era necessário manter o maior rigor possível, procurando sempre refletir: o que se passa? Por que isso acontece? O que penso é resultado dessa experiência de estar desde o início engajado no território dos tratamentos da psicose, de pacientes *borderline*, psicossomáticos, pacientes difíceis.

Outra experiência importante foi trabalhar em consultório público no hospital, mas também em consultório particular, onde havia pacientes em análise três vezes, quatro vezes por semana, deitados no divã. Meu trabalho em muitos momentos foi com pessoas muito loucas. Era necessário tomar conta daquela loucura. Você captou bem, o ponto de partida de toda minha reflexão foi: o que fazemos com o que nós sabemos da psicanálise em situações nas quais um paciente está escondido debaixo da mesa? O que eu faço? Eu o obrigo a deitar no divã? O que fazer? Todos os livros que eu escrevi foram no sentido de compreender o que se passava nesses diferentes casos, que teorias tínhamos necessidade de considerar para atender esses pacientes. Posso dizer que há trinta anos continuo na busca.

Associação MF – O Sr. considera que a psicanálise deve se manter sempre como um empreendimento individual?

René Roussillon – Com certeza, não. Ela é dupla. Tenho a experiência de uma quinzena de anos com grupo de supervisão de analistas muito bem formados, mas que estão trabalhando, face a face, com pacientes difíceis. A análise está sempre em questão quando analistas falam dela.

Em 15 anos lidamos com 160 tratamentos, aproximadamente. Constatei nesses grupos de supervisão que eram todos bons analistas, mas quando estavam sozinhos, muitas vezes, não conseguiam fazer avançar a análise e vinham conversar, refletir com o grupo de elaboração. Ao repensar as questões da transferência, era possível desbloquear as situações que impediam o avanço desse tratamento.

Então será que se deve pensar que psicanálise é um paciente, um psicanalista e só? Houve êxitos, alguns surpreendentes, muito bons em termos de trabalho. Todos melhoraram suficientemente. Podemos dizer que ficaram satisfeitos com suas análises.

Associação MF – Com qual frequência de número de sessões o Sr. costuma trabalhar?

René Roussillon – Trabalho na maior parte do tempo com quatro sessões semanais, mas atualmente há cada vez mais pacientes com três sessões semanais.

Trabalhei muito com a sociedade belga, suíça, com os gregos e também com analistas de Quebec. São todos analistas que fazem pesquisa que buscam responder a seguinte questão: Como podemos inventar outra maneira de trabalhar com este determinado paciente, nesse tratamento?

Pode-se fazer psicanálise de grupo, não só psicanálise individual. Na França existem muitos analistas que fazem terapia psicanalítica de família. Isso é difundido no Brasil?

Associação MF – Aqui, na SBPSP, temos um grupo de Psicanálise de Família.

René Roussillon – Terapias de família, de grupo, psicodrama, fiz todo tipo de formação em um determinado momento. Percebi que enriquecia minha prática de análise individual, a prática de atendimento individual, o trabalho de grupo e de família.

Minha posição é simples: o que caracteriza a psicanálise não é o dispositivo, mas a escuta do analista. O fundamental é escutar as associações dos pacientes tendo claro que se duas coisas se associam é porque, necessariamente, entre elas há um vínculo. Se esse vínculo não aparece é porque está renegado, transferido, deslocado. Meu trabalho será tentar restabelecer essa ligação. Isso pode ser feito em grupo, na relação individual, em família.

Associação MF – Como o Sr. colocaria essa postura no plano da formação?

René Roussillon – Penso que isto começa antes da formação nos institutos de psicanálise. Começa na universidade. Em Lyon a universidade que forma os psicólogos tem um departamento de psicologia clínica dirigido por mim. No departamento de psicologia, o conjunto de docentes é formado por psicanalistas que ensinam psicologia clínica com orientação psicanalítica. Na universidade refiro-me aos psicólogos, no Instituto de Psicanálise digo psicanalistas. Assim, na universidade, mesmo quando se aplica o teste de Roschach, ou se faz um grupo de psicodrama com pacientes, há uma escuta psicanalítica. Nossos estudantes não sabem pensar de outro modo. Um grande número dentre eles está fazendo análise. Portanto, são formados na utilização da escuta e do pensamento psicanalítico em diferentes dispositivos:

institucionais, grupais, individuais, de família, com crianças, com os sem teto, toxícomanos etc. Entretanto, não é o que acontece em todas as universidades, mesmo na França!

Depois, a questão passa a ser: quais são os conceitos necessários para trabalhar psicanaliticamente e quais os dispositivos a serem articulados? A base da formação já está lá. Essa não é uma posição majoritária na França, é uma posição particular minha.

Isso também está ligado ao fato de eu ser Vice-Presidente do Sindicato dos Professores de Psicologia Psicanalítica para a Europa. Tenho posições políticas na defesa da psicanálise na universidade, na psicanálise no terreno de tratamento em geral e não simplesmente na defesa da psicanálise nos consultórios particulares. Não quero discorrer somente em termos de consultório particular, por uma razão muito simples: na França, por exemplo, existem aproximadamente quatro mil psicanalistas em consultório particular e quarenta mil psicólogos envolvidos no serviço público. Também me ocupo dos quatro mil, mas acho que nós não podemos deixar os 40.000 sozinhos. Precisamos pensar e refletir com eles. Por isso assumi a posição política de interesse pelos problemas da clínica psicanalítica como um todo, quer seja na sociedade ou fora dela.

Tenho responsabilidades na IPA e viajo pelo mundo visitando sociedades, principalmente sociedades que estão começando. A psicanálise já está na Rússia, Romênia, Grécia e finalmente na Turquia. As pessoas lá são jovens, diferentemente do que se vê de um modo geral nos congressos da IPA, onde as pessoas são mais velhas. Aqui na América do Sul a população ligada à psicanálise é relativamente mais jovem. Na França a média de idade dos analistas é de 45 anos. O início da formação se dá em geral aos 40 anos; mais oito, nove anos de formação e temos 49 anos. Precisamos procurar candidatos mais jovens, porque temos nos dado conta de que há muita potencialidade, criatividade que não está sendo valorizada. Na época dos grandes psicanalistas criativos da França – Anzieu, Laplanche – éramos todos jovens. Atualmente grandes criadores e pensadores existem cada vez menos. Onde eles estão? Estão em outro lugar ou não foram recrutados suficientemente cedo para conservar sua potencialidade. É preciso evitar um sistema de “formatação”. Precisamos dar menos orientação e não inibir a criatividade e espontaneidade. Devemos proporcionar maior liberdade e possibilidade de escolha. É importante não ter preconceito em relação ao jovem. É paradoxal uma sociedade, centrada em tratamento, ter como único modelo a psicanálise individual em consultórios particulares, sem observar e refletir sobre a realidade; não levando em consideração todo o contexto social. A experiência de prática clínica em outro contexto, que o estritamente analítico em consultório particular é muito importante. É preciso que o analista tenha prática em pelo menos duas situações diferentes. Por exemplo, um tratamento de adulto

e outro de criança. Acredito que existam coisas que só aparecem em análise quando praticamos diversos procedimentos. É o que explica o fato de haverem diversos dispositivos. Outro ponto importante é o trabalho com crianças. Percebo em meus supervisionandos que aqueles que fizeram muita terapia com crianças são melhores analistas.

Estes são fatores importantes de criatividade que, ou se perdem, ou se desenvolvem fora da sociedade. No aniversário de 80 anos da Sociedade de Paris, organizou-se um evento para o qual apenas 250 pessoas inscreveram-se. Três meses mais tarde aconteceu o vigésimo aniversário do lançamento do livro *O eu pele*, de Anzieu, quando organizamos um colóquio com lançamento de uma coletânea de artigos, compareceram 1400 pessoas e tinham mais 400 na porta querendo entrar. O público abrangia pessoas da SPP, APF, lacanianos de vários grupos. O que faz diferença não é alguém pertencer a esta ou aquela sociedade, mas sim se o que essas pessoas têm a dizer interessa aos outros. É a resposta à demanda, é o novo, a linguagem acessível, o sob medida. O que proponho é que a resposta vai se fazer também sob medida em função do paciente. Quando recebo uma pessoa pergunto: você tem um projeto? Como acha que poderemos fazer? Pensou em quantas vezes viria por semana? Se estiver frente a um psicótico que propõe um encontro a cada 15 dias, digo que assim não vai funcionar. Mas nós conversamos. Eu explico, e o tratamento começa assim, pela construção dos dispositivos.

Associação MF – Como podemos pensar esse trabalho “sob medida” que o Sr. propõe?

René Roussillon – Primeiro saber que não é tão confortável como trabalhar em um contexto preestabelecido, pois exige mais reflexão. Além disso a atitude interna é importante, mas simples. É importante pensar: não sou eu quem sabe, é o paciente que sabe. Ele não sabe que sabe e eu, escutando, posso tentar ajudá-lo a formular o que ele sabe sem saber que sabe.

Associação MF – E o que pensa em relação à frequência nas sessões semanais?

René Roussillon – É uma combinação de fatores múltiplos: a intensidade do sofrimento; pacientes que percebemos que irão engajar-se apaixonadamente na análise que, se tiverem uma sessão depois da outra, isso poderá tornar-se uma tortura; um paciente psicótico que poderá demandar cinco sessões de uma hora. Outro elemento é a disponibilidade efetiva das pessoas. Por exemplo, tenho muitos médicos em suas segundas, terceiras análises, que moram em Aix-en-Provence ou Genebra, para quem a proposta será um grupo de sessões no mesmo dia, de manhã e à tarde. Houve um que queria vir até da Turquia, mas eu disse não! Há também conciliações

financeiras, por exemplo, pacientes com preço igual àqueles que estão em formação. São estes os critérios. Também circula a ideia de que se não houver número suficiente de sessões semanais algo não poderá ser abordado. Mas, mesmo com pacientes que vêm às sessões com maior frequência, percebemos que existe algo que não é abordável; e, se houverem mais sessões, isso poderia levar a tal dependência que muitas defesas seriam mobilizadas, dificultando muito a análise para essa pessoa.

Associação MF – Para a formação na SPP quantas sessões por semana são exigidas?

René Roussillon – Um mínimo de três sessões semanais. Depois de três anos os candidatos são examinados por três analistas formadores, desconhecidos por ele, que depois reúnem-se com mais pessoas em uma comissão para a avaliação final.

Associação MF – No que consiste essa avaliação?

René Roussillon – O primeiro critério é observar qual a relação que o sujeito sustenta com sua análise: como a pessoa fala de sua própria análise, de seu psicanalista, se ainda existem idealizações ou, ao contrário, algo pejorativo que sentimos estar escondido lá no fundo. Outro critério é a capacidade, fluidez associativa, se ele chega já com algo formulado e, após uma fala nossa, reage como se não tivéssemos dito nada, ou se faz uma associação. O terceiro critério é a qualidade da presença emocional, a presença afetiva. Podemos ter pessoas que choram na entrevista, mas isto não será um problema, desde que venha acompanhado de uma lembrança, por exemplo, uma situação amorosa.

Otto Kernberg⁵

Associação MF – O que acontece com a transferência dos membros filiados em um Instituto de ensino em relação aos analistas didatas e à própria instituição psicanalítica?

Otto Kernberg – A análise didática tem sérios problemas. Acho que a finalidade da análise é resolver a transferência e, ao mesmo tempo, o propósito da análise

5 Entrevista realizada em 15.4.2010 por Maria do Carmo Meirelles Davids do Amaral, Silvia Puppo, membros filiados do Instituto de Psicanálise da SBPSP e Leda Herrmann, membro efetivo da SBPSP. Otto Kernberg é membro efetivo e analista didata da New York Psychoanalytic Society, foi presidente da IPA de 1999 a 2003. Atualmente é diretor do Instituto de Transtornos da Personalidade do Hospital Presbiteriano de Nova York (divisão Westchester). Professor de Psiquiatria da Faculdade de Medicina Weill da Universidade de Cornell. Tem várias publicações relacionadas à pesquisa psicanalítica, educação psicanalítica e sobre pacientes *borderlines*.

dos candidatos é que estes possam identificar-se com seus analistas didatas. É uma contradição fundamental, como François Gustav assinalou há muitos anos. Acho que tal contradição impede uma análise da transferência e contribui para uma pseudoidentidade psicanalítica, porque cria a fantasia no candidato de aprender técnica psicanalítica pelo aprendizado da técnica de seu próprio analista. E não se aprende técnica com a técnica do próprio analista. Porque quando se está realmente em análise, está se explorando a si mesmo e não a técnica do analista. E se seu analista é o ideal a que ele aspira, produz-se uma idealização que não pode ser resolvida. Isso é “paranoicogênico”; e a paranoia move-se para a instituição, para outras instituições ou outros métodos psicanalíticos. Isso é daninho.

A análise didática também é daninha para os analistas didatas, pois são bombardeados por uma idealização permanente dos candidatos, ao mesmo tempo em que se sentem constrangidos em sua liberdade, por sentirem-se observados por colegas e candidatos. Ficam impedidos de uma atitude natural, ficam na defensiva e isso favorece ainda mais a idealização. Exercem um poder não-funcional, arbitrário; porque os analistas didatas têm direito de fazer análise didática, de dar seminários, tendo ou não talento para educadores, e de serem supervisores, tendo ou não talento para supervisão, e ainda serem diretores da instituição, tendo ou não talento administrativo. Ou seja, há um exercício de funções que não correspondem à sua capacidade. Há um acúmulo patológico de poder que os transforma em uma classe autoritária, dominante, com seus próprios interesses de classe, que contribuem para criar um sistema hierarquizado, rígido. É a militarização da psicanálise. O exército se compõe dos pacientes, que são os soldados rasos e dos candidatos, que são os cabos; dos graduados que são os tenentes; dos membros associados, que são os coronéis, e dos membros efetivos, que são os generais; e dos analistas didatas que são os comandantes na chefia. Tudo isso é um longo processo, cheio de exigências totalmente irracionais, sem nenhum objetivo que não seja o de manter a hierarquia e o poder. Acho que a análise dos candidatos deveria ser feita de forma totalmente separada da instituição. Todos os analistas que se graduam têm a possibilidade de receber uma certificação de especialista depois de certo número de anos, digamos uns cinco anos. Todos têm essa possibilidade, há critérios objetivos, e é obrigatório para todos os que querem trabalhar clinicamente em psicanálise, tal como a certificação das especialidades na medicina: cirurgia, cardiologia, psiquiatria. A grande maioria dos analistas graduados são certificados, e todos os certificados têm direito a analisar os candidatos.

Associação MF – E quais seriam os critérios, os requisitos, para poder atender aos membros filiados em análise didática?

Otto Kernberg – Em meu sistema, ser certificado é ter graduado há cinco anos, ter demonstrado interesse em psicanálise participando de estudos psicanalíticos, publicando trabalhos e apresentando casos para discussão em uma comissão. Penso que seria recomendável um teste escrito de conhecimentos de teoria e técnica. Já temos teste de técnica psicanalítica empiricamente confirmado. Não são testes de psicanálise, mas de técnica psicanalítica. Na Universidade de Columbia foi desenvolvido um teste objetivo que avalia o nível de experiência em psicoterapia psicanalítica. Seria necessário desenvolver um teste desse tipo e também um teste de conhecimentos psicanalíticos. É razoável que um analista que seja certificado conheça certos trabalhos psicanalíticos fundamentais e não apenas os de seu Instituto. É necessário abolir a categoria de analista didata. Acho que o sistema é muito daninho para a educação analítica e para o futuro da psicanálise.

Associação MF – E com quem se faria a supervisão oficial?

Otto Kernberg – A escolha do supervisor seria completamente separada. Seria realizada mediante a oferta de supervisões de grupo. Os candidatos deveriam ter supervisões individuais e de grupo, porque na supervisão de grupo aprende-se com o trabalho dos colegas. Nesse processo já se pode identificar quem tem talento para formular um pensamento que ajuda todo o grupo. É possível ver entre os candidatos quais têm talento e assim oferecer a possibilidade de serem supervisores auxiliares. Após um número de anos estes serão nomeados supervisores. Isto é, a prática nos mostra quem tem dedos para o piano.

Associação MF – Esse sistema que o senhor propõe favorece a criatividade dos candidatos, não?

Otto Kernberg – Com certeza! Quanto aos seminários, quem tem ideias oferece seminários. E se são efetivos, entusiasma as pessoas e são bons professores; podemos dar a eles cada vez mais responsabilidades. E os seminários deveriam ser, é claro, com experts em determinada matéria e não eternizar a mesma pessoa. Deveríamos trocá-los periodicamente, tanto os coordenadores de seminários obrigatórios como os de seminários optativos, conforme os tempos mudam. E os seminários também deveriam conter conteúdos de ciências fronteiriças à psicanálise. Poderíamos convidar professores, não psicanalistas, para falarem sobre aspectos de psicologia social, neurobiologia, depressão, instinto. Além disso, seria necessário um departamento de pesquisa que desenvolvesse pesquisas com base nas perguntas geradas nos seminários, nas supervisões. O instituto psicanalítico não deveria somente transmitir conhecimento, mas sim tratar de desenvolver novo conhecimento, ter uma estrutura universitária. Não apenas transmitir, mas sim criar. E criar significa fazer pesquisa, fazer perguntas e estudar coisas alternativas. A direção do instituto

deveria contar com representantes dos supervisores, dos líderes de seminários, dos pesquisadores e dos candidatos.

Associação MF – O que o senhor acha que seria o básico? Quais são as disciplinas que deveriam ser ensinadas no instituto? Que conteúdos, que autores?

Otto Kernberg – Acho que é necessário ensinar teoria psicanalítica contemporânea. Sugiro começar com teoria psicanalítica contemporânea e colocar a história no contexto da teoria psicanalítica contemporânea. Estudar Freud no contexto da teoria psicanalítica geral: teoria do desenvolvimento; teoria da estrutura da personalidade; teoria da técnica; teoria de aplicações da psicanálise. Seriam esses os temas básicos. E dentro de cada um desses temas haveria aspectos obrigatórios e optativos. O currículo deveria ser um currículo ativo.

Associação MF – Como o Sr. vê a psicanálise contemporânea? Quais são as perspectivas para a psicanálise?

Otto Kernberg – É certo que não temos, neste momento, nenhum tratado de técnica psicanalítica. Existem tratados de história da técnica psicanalítica como o de Etchegoyen⁶. Tratado de história da técnica psicanalítica de Alain de Mijolla⁷; Tratado de interpretação de um ponto de vista da psicologia. Aspectos básicos de técnica kleiniana de Hanna Segal⁸ etc. Mas não há nenhum texto de técnica. De modo que a primeira ação criativa seria tratar de desenvolver um texto que integrasse as ideias sobre técnica. Isso precisa ser criado e cada instituto pode trabalhar nessa tarefa. Claro que há escolas que têm diferentes abordagens, então precisamos estudar interpretação. Há certos temas básicos: livre associação; defesas psíquicas; interpretação; transferência; contratransferência. Tratar de ter uma concepção integrada, que pode ser diferente, segundo o momento, em cada instituto. Bion, por exemplo, tem importantes contribuições técnicas, mas não tem um texto geral de técnica. Bion está fundamentado muito em Melanie Klein, que também não tem um texto geral. Klein baseia sua teoria em Freud, de modo que há coisas parciais. Entre os lacanianos há um texto americano, o de Paul Fing. Não é muito bom, mas enfim, é algo. Há controvérsias, mas penso que é importante ver qual seria a técnica básica e suficientemente estabelecida para servir de base de ensino. Poderia ser diferente em diversos institutos, mas é necessário pesquisar as diferenças. Isso deveria ser um motivo para a pesquisa.

6 Etchegoyen, R.H. (2004). *Fundamentos da técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artmed.

7 Mijolla, A. (2005). *Dicionário Internacional da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.

8 Segal, H. (1989). *Klein*. London: Karnac.

Associação MF – A sua sugestão é para um ensino temático e não um ensino sobre autores?

Otto Kernberg – Claro, porque a psicanálise é uma teoria e uma técnica. Se houvesse um autor que realmente tivesse integrado tudo, seria perfeito. Mas não o temos. Freud, no seu tempo, tentou fazer essa integração, mas já não estamos nos tempos do Freud. Acho que o estudo sistemático da obra de Freud é um convite ao básico, para que cada um possa construir uma teoria contemporânea. O risco é ficarmos com uma leitura religiosa de sua teoria e não com um pensamento científico. O mesmo ocorre com a leitura de Bion, a leitura de Meltzer, a leitura de Lacan. O que acontece quando interpretamos o que o autor disse? Há uma espécie de formação de ilhas isoladas, que cada um tem de unir de alguma forma. Do ponto de vista prático há uma sensação de insegurança, porque cada um tem uma espécie de técnica, de teoria, que ignora a correspondência com todas as demais teorias. Basta colocar dez analistas juntos e as diferenças aparecem. Faz falta um real labor de integração. Por isso penso que a formação temática contribue mais do que a formação com base nos autores.

Associação MF – Quando falamos em formação podemos pensar como se dá esta formação, mas também: “para que”, “para quem”? Qual é objetivo desta formação?

Otto Kernberg – É uma boa pergunta. Penso que a formação deveria ter como objetivo produzir profissionais que poderiam tratar pacientes com psicanálise e com outras técnicas derivadas: psicoterapia psicanalítica individual, psicoterapia psicanalítica de casal, psicoterapia psicanalítica de grupo, psicoterapia psicanalítica breve, psicoterapia psicanalítica de patologias especiais, como aquela que desenvolvemos para os pacientes *borderlines*. Esse é um objetivo. Um segundo objetivo seria desenvolver homens de ciência, que sigam produzindo novos conhecimentos e assim façam avançar a ciência. A ciência, ou se adianta, ou morre. Não fica estável, à medida que aumenta o conhecimento em todos os outros lugares. É absurdo pensar que o pensamento psicanalítico não precisa mudar, como uma religião, sendo permanente. Essa é uma ilusão, a transformação da psicanálise em uma religião. Não penso que todos os psicanalistas deveriam ser pesquisadores, mas é necessário formar também pesquisadores. Pessoas que aplicam a psicanálise em outros campos. Nem toda pessoa graduada precisa dedicar-se à psicanálise. Eu acho que esse é o objetivo. Há diversos ideais: ser acadêmico pode ser tão importante como ser um bom clínico, assim como ser um bom pesquisador, ou um pensador dinâmico que estuda patologias sociais. Agora, com a formação da análise didática, o único ideal dos candidatos é chegar a ser analista didata. Isso produz uma esterilização da ciência e da profissão. Afortunadamente, sempre há rebeliões. Pelo menos na teoria e no tocante à

técnica. Algumas boas, outras más. De modo que há algum movimento. Entretanto, não conduz a um progresso real porque, como não há pesquisa científica, no fundo vence quem grita mais alto, ou quem é mais popular. Nos Estados Unidos, uma cultura muito pragmática e otimista, os relacionistas estão surgindo, juntos com os sullivianos e os intersubjetivistas, pensando a clínica por meio de uma boa relação terapêutica. A tradição kleiniana, a meu ver, é a que melhor mantém o espírito psicanalítico fundamental. Até certo ponto, também a psicanálise francesa que surgiu da lacaniana. Penso que a psicanálise lacaniana tornou-se anticientífica e mistificadora. Este é o problema constante da psicanálise: evitar que a psicanálise transforme-se em uma religião.

Associação MF – Qual é sua sugestão para evitar esse risco?

Otto Kernberg – Expandir a psicanálise rumo à aplicação de um espectro maior de tratamentos psicoterapêuticos analíticos. Acredito que existe uma grande demanda de psicoterapia e de psicoterapia psicanalítica. Existe uma demanda menor de análise tradicional, de quatro sessões semanais. Existe uma pressão enorme para reduzir frequência, duração e custo de tratamento. Uma pressão social. Muitos pacientes que antes iam à análise clássica, vão à psicoterapia psicanalítica. Isso está perfeitamente bem, porque existem muitos casos que realmente têm indicação e podem ser ajudados com psicoterapia psicanalítica; outros casos precisam de análise, e não a têm. Seria interessante que existisse um acordo científico: aqueles que precisam de análise, aqueles que poderiam usar a análise, mas não precisam dela e aqueles que precisam de psicoterapia psicanalítica, e os institutos psicanalíticos formariam esses profissionais. A psicanálise seria preservada como tratamento altamente especializado, necessário, mas limitado em suas indicações e, ainda, ideal para a formação de psicoterapeutas de todo o tipo. Assim, se produziria um equilíbrio correspondente às necessidades sociais. O que está acontecendo, acredito, é que a demanda por psicanálise está diminuindo porque as escolas derivadas da psicanálise estão absorvendo cada vez mais os pacientes potenciais para análise.

Associação MF – E quanto à análise tradicional?

Otto Kernberg – Quanto à psicanálise, a discussão é: quantas sessões por semana são necessárias? Sobre isso também é necessário fazer pesquisa. Os franceses dizem que são necessárias três. A verdade é que eu tenho visto muito bons resultados psicanalíticos de colegas franceses. Os ingleses dizem que são necessárias cinco sessões semanais. Os americanos dizem que são necessárias quatro sessões semanais. Eu acho que de um ponto de vista prático, pela minha experiência, é necessária uma frequência mínima de três sessões semanais, mas, em casos com estrutura narcisista, provavelmente quatro sessões semanais. O mesmo acontece com a psicoterapia

psicanalítica, precisa-se de pelo menos duas, quiçá três, mas não mais. A psicoterapia de apoio pode se dar com uma sessão semanal, duas, ou três, ou uma sessão ao mês. Acredito que isso tem de ser pesquisado e já temos algumas pesquisas. Na Suécia demonstraram que a psicanálise parece ser mais efetiva do que a psicoterapia psicanalítica; não imediatamente, mas no longo prazo. Isso é importante, é interessante, mas evidentemente tem de ser replicado e não está claro quais pacientes se beneficiam mais com qual tipo de atendimento. Observo que, no mundo, tem acontecido uma diminuição de candidatos para a psicanálise. Entretanto isso parece estar se estabilizando. Os psiquiatras inteligentes querem ter formação psicoterapêutica. Institutos começam a oferecê-la; isso interessa à psicanálise. Nos Estados Unidos produziu-se um equilíbrio, mas acho perigoso que a psicanálise tenha perdido interesse nas escolas de medicina, nas escolas de psiquiatria, porque a psiquiatria liga isso com a neurobiologia, que é um campo básico de funcionamento da mente. É importante que mantenhamos nosso contato com a neurobiologia, de um lado, e com a psicologia social, do outro. A psicanálise não pode funcionar num isolamento científico total. Dizer que a psicanálise descobre realidades profundas da subjetividade inconsciente, que não são descobertas de nenhuma outra maneira, isso é um preconceito. A realidade inconsciente do indivíduo não é uma criação autóctone, mas depende de raízes na biologia e no social. Precisamos integrar isto na teoria psicanalítica em lugar de vê-las como um campo inimigo.

Associação MF – Quando o senhor fala em clínica, fala em integrar a realidade, em estar atento a amor, sexo, trabalho, vida social e criatividade. Como é isso para o analista?

Otto Kernberg – Esperamos que a psicanálise pessoal permita que manejemos essas situações suficientemente bem. Eu esperaria da análise pessoal que ajudasse o analista a melhorar o funcionamento nesses planos. Isso não significa que os problemas que os analistas têm e que não tenham sido solucionados, não interfiram na possibilidade de verem seus pacientes. Ou seja, que não queremos um analista perfeito – isto é uma idealização – mas alguém cujos problemas pessoais não interfiram demais no seu trabalho analítico. Eu tenho pacientes que são analistas e que têm graves problemas narcísicos que não foram resolvidos e que não funcionam bem como analistas.

Temos de aceitar que existem profissionais que não funcionam e temos que tratar de ver estes limites durante a formação. E, a propósito: seleção de candidatos. Não temos nenhum critério bom para selecionar candidatos, não há. O único critério que temos é: se alguém quer ser candidato, se há interesse real em ser candidato, se demonstrou ao longo da vida que tem capacidade de trabalhar duramente ou que quando quer algo o consegue, isso é tudo. Esta foi a conclusão de um Comitê

Internacional, o Comitê de Capelle, no ano de 1978, após vários anos de estudo. O achado do Comitê foi tão escandaloso que foi suprimido. Depois, na prática, uma vez que o candidato é aceito, continua até graduar-se. Então, ou é aceito, ou é dispensado. Acho que é um erro grave. A seleção se faz passo a passo. A supervisão tem de ser honrada e séria. De modo que não devemos surpreendermo-nos ao final se nos disserem que não nos graduaremos após terem transcorrido sete anos. É uma responsabilidade da instituição, a de ir passo a passo. Atualmente não nos interessamos muito em como são os supervisores, exceto no modelo francês, que aboliu a análise didática. Os franceses deram um passo à frente. O resto do mundo ainda está no século passado.

Associação MF – Gostaria de nos dizer algo além do que foi perguntado?

Otto Kernberg – Diria apenas uma coisa: como em todas as profissões, muito depende do que se quer fazer. Cada candidato tem a possibilidade de obter o melhor do Instituto, seja por onde for, e deve aprender onde puder, criticamente. Deve se graduar, continuar se formando, mas sempre manter um critério independente. Estudar e manter certa independência, uma atitude científica. Psicanálise não deve ser uma religião.

Associação MF – Qual seria a condição essencial para um bom analista?

Otto Kernberg – Interesse, inteligência, intuição, honradez. Especialmente um interesse *autêntico em seres humanos e o desejo de ajudá-los*.

Stefano Bolognini⁹

Associação MF – Durante os últimos dois anos, a Associação de Membros Filiados da SBPSP esteve realizando uma série de entrevistas com os vários psicanalistas estrangeiros que visitaram nossa instituição, e será um grande prazer realizar a última entrevista de nossa gestão na Associação com o senhor.

Atualmente nossa sociedade – a SBPSP – vem discutindo intensamente sobre seu modelo de formação. O corpo societário (incluindo também os membros filiados

⁹ Entrevista realizada em 23.10.2010 por Ana Maria Vieira Rosenzvaig e Rita Andréa Alcântara de Mello, membros filiados do Instituto de Psicanálise da SBPSP, durante o Congresso da FEPAL em Bogotá.

Stefano Bolognini é analista didata e atual presidente da Società Psicoanalitica Italiana (SPI), foi Diretor Científico Nacional da SPI, cofundador do Comitê Patologias Graves da SPI (1992), presidente do centro Analítico da Bologna. Na IPA foi Board Representative para a Europa, 2003-2007; co-chair por Europa CAPSA Committee; chair IPA 100 Anniversary Committee.

– analistas em formação) tem realizado, através de Congressos Internos, várias discussões sobre este assunto, visando uma reflexão e possível revisão do modelo de análise didática vigente na instituição. O que o senhor poderia nos falar sobre este assunto?

Bolognini – Apresentar essa problemática específica da formação psicanalítica a alguém que está concorrendo ao cargo de presidente da IPA (International Psychoanalytic Association) é como colocar uma dinamite em suas mãos (risos). Tudo o que eu apresentar pode ser colocado tanto contra, como a favor da minha pessoa. Mas eu não temo, não pretendo me esquivar. Posso dizer o que penso pessoalmente e o que penso institucionalmente, não de uma maneira cindida – uma forma pessoal e outra como figura institucional. Poderia ser dito que há uma dinâmica histórica, portanto, temos que enquadrar essa problemática na situação histórica, na evolução da psicanálise como instituição. Posso começar pelo o que ocorre na Itália. O que temos é o modelo Eitington: os candidatos fazem suas análises na frequência de quatro sessões semanais e, tradicionalmente, os dois casos de supervisão eram tratados com frequência de quatro sessões semanais. Há nove anos, a Sociedade Italiana decidiu fazer uma mudança: o primeiro caso de supervisão seria de um atendimento de quatro sessões semanais, e o segundo caso com uma frequência de três sessões semanais. As razões dessa experiência, que ocorreu por sete anos, foram, em parte, razões externas: a dificuldade de buscar pacientes pelos candidatos e, o mais importante, era que a prática clínica predominante dos analistas em formação ocorria mais habitualmente com atendimentos de três sessões por semana. Então, parecia ser irreal que não se pudesse refletir com um supervisor durante a formação sobre uma situação de atendimento de três vezes por semana. Assim, as duas frequências de atendimento – de quatro e três vezes semanais – foram exploradas adequadamente com o supervisor.

Durante esses sete anos, um grupo amplo de analistas em formação viveu essa experiência e proporcionou material para a pesquisa dessa situação. Portanto, uma reflexão muito detalhada sobre os aspectos e efeitos das duas diferentes frequências – 3 e 4 sessões semanais – pôde ocorrer. É importante mencionar que, após um longo tempo de acompanhamento do trabalho de seus supervisionandos/analistas em formação que viviam esta experiência, foi opinião da maioria dos supervisores que, em ambas as frequências, o que ocorreu foi um processo analítico. Generalizando, a diferença mais interessante era que na frequência de três sessões por semana, o analista podia trabalhar bem, mas se percebia mais cansado com o atendimento. Já na frequência de quatro vezes por semana, o que se observou, foi o analista mais relaxado, menos cansado, pois era menos exigido. Vale lembrar que estamos falando de situações de “casos tranquilos”. Nestes casos, foi constatado que o analista que atendia quatro vezes por semana pode se “conectar” menos ativamente, pode se

permitir uma co-regressão associativa mais tranquila e confortável. Nas três sessões trabalha-se bem, mas o trabalho do analista precisa ser mais intenso interiormente. Isso é uma realidade e um dado interessante para se levar em consideração.

Na IPA há a aprovação dos três modelos: o francês, o clássico (Eitington) e o uruguaio. O modelo Eitington constituía-se como um modelo ideal e a aprovação de outros modelos era um problema. O modelo francês já existia há muito tempo, e estava excluído do “psiquismo institucional”. Todos sabiam que ele existia há mais de 40 anos nas discussões entre analistas nos congressos, mas no *Internacional Journal*, nos artigos sobre os modelos, a questão não aparecia. Não existia nas regras da IPA. Isso era um sintoma; uma condição de cisão compartilhada institucionalmente, um *splitting* no *board* da IPA, onde o modelo francês não estava. Quando a IPA assumiu tomar conhecimento disso, iniciou-se uma discussão dos dois modelos (Eitington e o francês) e descobriu-se a existência de um terceiro modelo – o uruguaio.

O modelo francês era conhecido, e não mencioná-lo oficialmente constituía uma enorme situação enganosa. Já o modelo uruguaio servia a uma realidade local e, assim, sofria menos impacto de ataques extremos, pois a defesa institucional neste caso se mostrava menos ativa. A aprovação institucional dos três modelos passou pelo *board* com diferença de um ou dois votos. Isso pode demonstrar a complexidade da situação. Isso significa que uma grande instituição como a IPA tem suas defesas, e a necessidade de muito tempo de elaboração e perlaboração para modificar algo, para aceitar mudanças. Há uma dinâmica muito lenta nos seus processos internos.

Agora, o mundo exterior muda, e há fatores importantes como, por exemplo, os socioeconômicos que tornam mais difíceis imprimir e manter a frequência clássica. O mundo interior de nossas vidas também muda com uma complexidade que temos que reconhecer. Porém, há fatores positivos que poderiam permitir repensar a redução da frequência, como por exemplo: nos cem anos de psicanálise conhecemos melhor os processos internos, temos uma variedade de instrumentos que facilitam trabalhar. Isso seria um fator positivo na discussão em favor de possíveis mudanças. Entretanto, há uma complexidade na situação que nós conhecemos muito bem: as resistências que podem estar a serviço da redução da frequência. Há uma grande complexidade na problemática. Há fixações à tradição histórica, um fator que não é favorável à redução do número de sessões. Há fixação nas resistências e, por outro lado, há também um reconhecimento da realidade que sugere possível redução da alta frequência. Temos dito que a rigidez nas regras pode prejudicar as relações autênticas nas sociedades. Ao mesmo tempo, reconhecemos que há necessidade de uma estrutura formalizada.

Na minha posição pessoal (e isso eu direi no meu *statement* à IPA), o mais importante agora, nesse momento histórico da instituição, é proporcionar e desenvolver uma intensiva discussão de *intersigh* (*intercambio/movimento horizontal*) entre

as sociedades. A opinião de outros é mais importante do que desenvolver uma discussão de *oversight* (*supervisão/movimento vertical*), que seria uma posição superegoica, de regulamentação. É claro que, de uma forma ampla, um pouco de *oversight* é necessário, por que de outra forma a alternativa seria o caos total. A meu ver, a prevalência do *intersigth* permitiria à instituição, no seu interior, confrontar diferentes realidades e elaborar uma maneira comum de possíveis trocas; como o que ocorreu em relação aos três modelos.

Os três modelos são o fruto do reconhecimento da existência das diferenças, das diferentes práticas e das resistências. Nesse ponto, um trabalho muito difícil e doloroso no interior da instituição (IPA) ocorreu. Pode-se dizer que a disposição da instituição em trabalhar as pressões entre o super-eu, o self e todas as partes da instituição exigiu muito trabalho e muito sofrimento para se chegar a uma solução institucional aceitável.

As propostas que estão em discussão na sua sociedade, são três possíveis hipóteses:

1. Manter as regras como estão no modelo Eitington – é a que está valendo atualmente.
2. Garantir alta frequência; o que poderíamos equivaler ao modelo uruguaio. O modelo uruguaio é considerado, e possibilita que a dupla analítica possa decidir entre três ou quatro sessões para análise didática e para o tratamento dos pacientes para supervisão e relatórios.
3. A terceira hipótese de liberdade na definição da frequência pela dupla analítica não poderia ser aceita, pois se trata quase do modelo laciano; um *setting* livre.

Realisticamente, creio que, do ponto de vista político da instituição, a terceira hipótese, no momento, é irreal; não poderia ser aceitável. Eu não digo que eu sou contra, mas do ponto de vista da instituição (IPA) não seria aceitável. A segunda hipótese é aceitável, pois é como funciona o modelo uruguaio.

Porém, uma questão a ser levantada quando se pensa em mudanças é o seguinte: se ocorrer a mudança na frequência de quatro para três sessões semanais, o Instituto de São Paulo estaria assumindo parte do modelo uruguaio. O problema é que a IPA aceita mudança do modelo, mas de todo o modelo. Não se pode tomar apenas uma parte do modelo e inseri-lo num outro modelo. Esta é a posição atual da IPA. São Paulo poderia trocar do modelo Eitington para o uruguaio, mas nesse ponto teria que rever todo o sistema, incluindo uma revisão e reflexão sobre os seminários, as supervisões etc.

Associação MF – Também acreditamos que é preciso refletir sobre o modelo como um todo: os seminários, as supervisões, a análise didática; tudo estando articulado. E, é mesmo desta forma, que os congressos internos, que discutem estes assuntos na SBPSP, têm sido organizados.

Bolognini – Aqui eu posso dizer algo da minha visão pessoal sobre a IPA. A IPA fez um grande trabalho, um grande esforço aceitando os três modelos, e agora a IPA está exausta. Em minha opinião, uma proposta real de *intersigth*, seria abrir a possibilidade de participação para todas as sociedades nas discussões sobre o que ocorre em cada sociedade. Eu creio que uma tolerância às especificidades regionais, nos próximos anos, pode ser aceita pelo corpo institucional, pela “mente institucional”. Seriam os primeiros passos para uma tolerância maior das diferenças. Tenho que sublinhar que isso pode ser possível em uma condição de *intersigth*, de trocas verdadeiras. Por exemplo: quando a Sociedade Italiana apresentou sua experiência com os dois tipos de supervisões – a primeira com quatro sessões e a segunda com frequência de três sessões semanais; a apresentação clara dessa experiência num texto escrito sobre a análise de alta frequência, numa discussão teórica e clínica da experiência, num regime de *intersight* na discussão dessas questões, isso produziu um efeito espontâneo de respeito por parte de outras sociedades sobre essa experiência. Essa experiência foi apresentada em um congresso da FEP (Federação Europeia de Psicanálise), e não surgiu nenhuma reação do tipo superegoica. A intensidade do intercâmbio institucional entre sociedades foi respeitada. Isso não é uma solução universal, mas avaliza a possibilidade de passagem para um modo de funcionamento que valorize os intercâmbios.

Associação MF – Quanto tempo a instituição italiana levou com essa reflexão? Quanto tempo de discussão para a alteração de quatro para três sessões semanais nos casos de supervisão?

Bolognini – A experiência demorou sete anos. A discussão, dois anos. Pode ser que em outras sociedades esse processo possa ser mais rápido, tanto na experimentação como na mudança. Cada sociedade é um caso particular, tem a suas experiências, suas expectativas, e tem que discutir suas considerações com a IPA e com as outras nações ao redor, pois outras nações podem se sentir ameaçadas com as mudanças. Como na política, há o comunismo, o fascismo, e as nações ao redor. Os vizinhos, podem se incomodar quando as nações resolvem mudar os seus sistemas políticos. Posso dar um exemplo: o nosso instituto (italiano) pode produzir somente um novo movimento com esta proposta de mudança nos casos para supervisão, ou pode ser que nossa nova geração de candidatos provoque um movimento de admiração para os demais candidatos de outros institutos, e isso pode tornar-se um incômodo.

Associação MF – O que senhor pensa sobre a sucessão da nova geração? Como percebe a atuação da nova geração de analistas em formação no movimento psicanalítico institucional e científico?

Bolognini – Percebo um desenvolvimento. Tem havido um intercâmbio crescente entre a IPA e a IPSO (*International Psychoanalytic Student Organization*). A IPSO permaneceu, por algum tempo, retirada, ou melhor, afastada das relações com a IPA. Houve muitos conflitos, por parte da IPA, em relação a IPSO. Alguns dizem que o intercâmbio tem excessos, enquanto outros são a favor de um intercâmbio maior. Na presidência de Claudio Eizirik, que foi uma gestão democrática e muito inovadora na relação entre IPA e IPSO, havia clareza quanto aos cargos e funções, e assim o intercâmbio foi incentivado. Atualmente, há a organização por parte da IPSO dos congressos, a presença e discurso de representantes da IPSO nas cerimônias de abertura desses congressos. O intercâmbio entre estas duas instituições (IPA e IPSO) tem sido algo verdadeiramente único. Isso é também parte de uma troca e relacionamento entre os institutos. No instituto de Montevidéu, por exemplo, há uma postura avançada, mas em outros institutos há um clima, uma atmosfera completamente diferente, que não é avançada.

O problema está no *setting* do candidato com seu instituto de formação. Isso se refere ao real grau de identidade do candidato, ou melhor, analista em formação, e sua possibilidade de pertencer e participar mais. No passado, por exemplo, nos institutos de psicanálise, os candidatos não podiam participar de conferências de analistas convidados de outros institutos, ou seja, não podiam participar da vida científica da instituição a qual pertenciam. No Instituto de Bologna, que é um dos quatro institutos de formação na Itália, havia regras como nos demais institutos: o candidato não podia participar das atividades científicas até o término de sua análise pessoal. Isso foi mudado. Atualmente, nas ocasiões especiais, quando há um congresso importante ou conferência de um analista estrangeiro (o que é uma ocasião única), os analistas em formação podem participar. Hoje os candidatos podem participar de todas as atividades científicas, quando faltam seis meses para o término de sua análise pessoal. Isso foi uma mudança, pois no passado somente podiam participar quando se tornavam membros associados.

Associação MF – Em nosso instituto na SBPSP nós, analistas em formação, temos uma participação muito intensa. Participamos e temos, inclusive, direito a voto nas deliberações no *board* do instituto.

Bolognini – Isso é muito mais avançado! Há quantos anos isso acontece?

Associação MF – Isso já ocorre há cinco anos. Na SBPSP, nós (candidatos ou membros filiados) temos tido razoável participação, especialmente nesse movimento

de reflexão da nossa sociedade sobre a formação: as supervisões, a análise didática etc., por exemplo, participando dos Congressos Internos, que têm sido promovidos para discussão destes temas. Isso tem sido muito rico para nós!

Bolognini – Voltando ao ponto inicial, analiticamente falando, a ideia de reduzir a frequência na análise didática pode estar a serviço da resistência, enquanto a ideia de não reduzir a frequência pode estar associada a outros movimentos. Então, o que é necessário é uma larga reflexão sobre esse tema. A realidade externa pode ser usada pelo paciente ou pelo analista defensivamente, o mesmo serve para a realidade interior. É uma complexidade que requer uma maior reflexão.

Vou falar, como exemplo, de uma candidata que trouxe para supervisão um possível paciente para análise, mas para o qual havia um problema financeiro. O paciente não podia pagar o valor da sessão. Discutimos um pouco e resolvemos esperar. Quando o paciente não tem o dinheiro suficiente, ele paga um valor muito baixo. Como acontece agora na Itália, onde os candidatos cobram um preço baixo, porque convêm a eles, pois querem evitar o risco de abandono do tratamento pelo paciente. Para preservar o paciente, encontram uma solução “mais ou menos”. Isso é doloroso para o candidato, porque ele paga supervisão, análise e tem um custo enorme com sua formação. Finalmente, muitos candidatos precisam cobrar um valor baixo para ter tranquilidade no caso clínico para sua supervisão.

Associação MF – Isso não altera e compromete a análise? Deixa de ser uma análise autêntica. O trabalho não é o mesmo em relação a outros pacientes. Não existiriam outros componentes envolvidos no desenvolvimento desse processo, numa situação como essa?

Bolognini – Isso é absolutamente verdadeiro. Essa é uma situação onde algo é trocado. Não sei o que é. O progresso que se espera do jovem analista é que ele possa levar dois casos para supervisão e possa cobrar o que acha correto. Podemos voltar ao exemplo da candidata que acabo de mencionar. Ela havia dito que o paciente não tinha dinheiro para pagar, mas numa supervisão comigo, a analista comentou que “deixou a porta entreaberta” com o paciente. Pudemos depois acompanhar o que ocorreu: duas semanas mais tarde a analista recebeu uma chamada telefônica desse mesmo paciente, que ligou informando que havia arranjado uma maneira, um pequeno trabalho, que permitiria que ele pagasse um pouco mais. Nessa situação, podemos pensar que há um campo dinâmico onde novas situações podem se produzir. Assim, não é fácil colocar regras fixas.

Associação MF – Gostaríamos de voltar ao tema da formação, e ouvir mais sobre suas considerações a respeito do percurso de formação de um psicanalista.

Bolognini – Lembrei que o *Jornal de Psicanálise* publicou um artigo meu sobre o mito da família institucional do analista. Neste artigo aponto que, exatamente como ocorre nas famílias, os analistas vão se constituindo e construindo sua identidade analítica. Temos institutos que são quase militares, mono-teóricos, e há também aqueles com correntes mais liberais. O problema maior, na minha experiência, é quando a pluralidade existe, mas não é aceita pelos analistas, ou seja, são “pais” que não aceitam as diferenças e não querem conversar. É muito comum esse tipo de família dentro das sociedades: se os “pais” estão de acordo, todos estão de acordo. Nos nossos institutos onde não há conversa, o problema que aparece não é tanto no seu interior, mas com o exterior. Em muitos congressos os mono-teóricos não participam, pois o mundo é a sua casa, seu instituto. Eles constituem-se como uma célula impermeável. No momento, o importante é o trabalho de reconhecimento de outras ideias. Como “tios” que, por vezes, não são bem vistos pela família, por possuir ideias diferentes, mas possuem ideias autênticas, múltiplas.

Associação MF – Nesse sentido é muito importante conhecer esses “tios”, ou seja, ouvir outras vozes. Isso que o senhor está mencionando, faz-nos lembrar uma expressão que usamos no Brasil: “samba de uma nota só”, também nome da música do compositor brasileiro Tom Jobim. Pensamos que em uma análise o importante é podermos construir uma música com o paciente, a partir de várias notas que pudemos ouvir durante nossa formação. Nesse sentido, é difícil imaginar um “samba de uma nota só”.

Bolognini – Sim, há analistas “de uma nota só”, mas também podemos ver esses analistas com virtuosismo. Na minha experiência, o problema do analista monotéorico ou pluralista é menos importante, do que o problema do analista autêntico ou não autêntico. Os analistas podem ser monotéoricos e “imperialistas”, mas autênticos. Podemos falar algo de bom deles, são verdadeiros. Há outros monotéoricos, que não; podemos dizer que aí existe uma evidente identificação interior, que definirei como identificação projetiva com o objeto incorporado ou interiorizado, mas não introjetado. Nesse caso há um sintoma; é falso. O mesmo ocorre com os pluralistas: há os verdadeiros, que realizaram introjeções autênticas e os outros que nunca introjetaram o objeto, ouviram várias linhas de trabalho, mas não se tornaram verdadeiros.

Associação MF – Durante nosso processo de formação, qual o cuidado que devemos ter na construção dessa autenticidade?

Bolognini – Eu creio que, em termos teóricos, podemos definir esse processo como um processo de identificação introjetiva, que não substitui a identidade, o verdadeiro self do analista. Quando se termina uma análise didática, o candidato

se apega ao seu analista. Recorda seu analista, recorda sua estória com o analista. O analista é um objeto interior, mas diferenciado, e deve ser possível sua substituição. Precisa haver um processo de separação para o candidato encontrar-se como dono de seu modelo; de seu modo de ser como analista. É uma operação de “higiene mental”. Eu me lembro que no início da minha vida como analista, por vezes, me descobri dirigindo-me aos meus pacientes de maneira muito parecida com aquela que meu analista fazia, e eu sabia que precisava encontrar a minha maneira de ser, minha autenticidade.

Associação MF – Acreditamos que essa referência também faz parte do início de um processo de formação. Dá segurança. Depois, com o passar do tempo, isso vai se diluindo. É como aprender a andar: no início precisamos de um apoio, mas, depois, quando temos certa segurança, arriscamos os primeiros passos.

Bolognini – Tem razão. No início também é imitação. Depois vamos aprendendo a jogar futebol, andar de bicicleta etc. Vamos, aos poucos, encontrando os nossos próprios caminhos, mas é de grande importância essa sustentação inicial.

Associação MF – Pensamos que podemos encerrar por aqui. Gostaríamos de lhe agradecer muito por esta conversa. Foi uma oportunidade maravilhosa ouvi-lo.